

HUMANIZAÇÃO NO ATO AVALIATIVO: UMA INFERÊNCIA ACERCA DAS IDEIAS DO PROFESSOR LEDO VACARO

Beatriz Araujo Costa¹
Diêgo de Lima Santos Silva²
Gleyce Kelly Silva Dantas³
Isabela Beatriz Santos Marques⁴
Kamila Martins dos Santos⁵

RESUMO

Um dos aspectos que influenciam o processo de ensino-aprendizagem é o Ato Avaliativo, em especial nas disciplinas tidas como complexas, por exemplo a Matemática. Neste trabalho, analisamos as ideias do Professor Dr. Ledo Vaccaro, que discute a avaliação por outra ótica, que foge dos modelos rigorosos tradicionalistas. Desse modo, o objetivo geral é analisar o impacto que o processo avaliativo traz na vida do estudante, este, quando não bem aplicado, pode comprometer o sucesso do discente assim como também traumatizá-lo. Dessa forma, foram delineados os seguintes objetivos específicos: compreender a definição do processo de avaliação, destacar a importância da mediação docente neste percurso, e refletir sobre fatores subjetivos, que estão intimamente ligados ao ato de avaliar. Assim, desenvolvemos nossa pesquisa a partir do questionamento: qual é o papel do professor diante de alunos que não obtêm êxito em determinada disciplina e até que ponto não aprovar o aluno, pode ser benéfico ou não para sua jornada estudantil? Como percurso metodológico optou-se pela metodologia de viés qualitativo por meio do método Análise do Discurso (AD). Nos ancoramos em teóricos tais como: de Orlandi (2007), e no que tange ao processo avaliativos, utilizamos vozes teóricas como Luckesi (1998), Hoffman (2016), entre outras que unem-se corroborando com a temática proposta. Concluiu-se ao término da investigação que o processo de avaliação em sala de aula precisa desse olhar humanizador, que afeta diretamente o resultado da aprendizagem do educando. O estudo em si não tem um tom conclusivo, ficando em aberto a provocativa para que novas discussões sejam construídas a partir do que foi apresentado.

Palavras-chave: Professor, Avaliação, Humanização, Aprendizagem.

INTRODUÇÃO

O surgimento das primeiras avaliações educacionais no Brasil aparece com a chegada dos Jesuítas no século XVI. Esse modelo de educação conhecido por ensino jesuíta desenvolveu-se em solo Brasileiro, trazido pelos Padres da igreja Católica participantes da Companhia de Jesus, fundada por Inácio de Loyola. Padre Manoel Nóbrega (1517-1570), foi um dos precursores desse movimento educacional, sacerdote jesuíta que estudou os costumes e

¹ Graduanda do Curso de Licenciatura em Letras da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB. Contato: beatrizbsrac@gmail.com

² Professor da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB. Contato: diegoli542@gmail.com

³ Graduanda do Curso de Licenciatura em Letras da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB. Contato: dantasgleyce17@gmail.com.

⁴ Graduanda do Curso de Licenciatura em Letras da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB. Contato: isabelabeatriz633@gmail.com.

⁵ Graduanda do Curso de Licenciatura em Letras da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB. Contato: kamilamartins935@gmail.com.

modo de vida dos índios para incluir novas práticas no ambiente indígena, fazendo um híbrido entre fé e educação a fim de aculturar os nativos aos dogmas do catolicismo.

Baseado no *Ratium Studiorum*⁶, os princípios do ensino Jesuíta eram rigorosos, tradicionais e, por vezes, desconsiderava a realidade dos povos originários. Quando os nativos não atendiam às ordens dadas pelos professores eram submetidos a castigos e constrangimentos, conforme aponta Del Priore (2004, p. 96-97),

O castigo físico em crianças não era nenhuma novidade no cotidiano colonial. Introduzido, no século XVI, pelos padres jesuítas, para horror dos indígenas que desconheciam o ato de bater em crianças, a correção era vista como forma de amor.

Dentre suas metodologias avaliativas estavam a repetição dos exercícios, e a competição entre turmas o que estimulava as desavenças entre os alunos. Por outro lado, os estudantes com melhores condições e maiores notas, eram aprovados para estudarem em Portugal, estes, em sua grande maioria filhos dos Senhores poderosos da época, e para os índios ficavam apenas uma educação simplista nas aldeias, que desconsidera as particularidades. Assim, a educação, embora desenvolvida em sua gênese por um grupo de padres que apontavam amor e a compressão com o próximo, nas salas de aulas de aula, fazia-se o oposto.

Essa herança Jesuíta de um ensino tradicional, que desconsidera o aluno como sujeito ativo no processo, e não atentava também para as questões de cunho subjetivo e social, até hoje ainda persiste no meio de alguns ambientes educativos, e faz com que muitos alunos criem apatia pela escola e pelos modelos avaliativos que, por vezes, perdem suas especificidades quando são tratados apenas como classificatórios e excludentes.

Desse modo, o objetivo geral é analisar o impacto que o processo avaliativo traz na vida do estudante, este, quando não bem aplicado, pode comprometer o sucesso do discente assim como também traumatizá-lo. Dessa forma, foram delineados os seguintes objetivos específicos: compreender a definição do processo de avaliação, destacar a importância da mediação docente neste percurso, e refletir sobre fatores subjetivos, que estão intimamente ligados ao ato de avaliar. Assim, dedicou-se neste trabalho a analisar as falas proferidas pelo Professor Dr. Ledo Vaccaro no que tange a forma de avaliar o estudante, tecendo assim, uma reflexão que nos auxilie na compreensão da avaliação como mecanismo de relevância em sala de aula, e que tem

⁶ Refere-se ao documento que organizava o ensino dos Jesuítas. Ver mais em: FRANCA S.J., Leonel. *O método pedagógico dos jesuítas: o "Ratio Studiorum"*: Introdução e Tradução. Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1952.

um peso sobre a vida do aluno, não devendo ser medido apenas pelo momento sala de aula, mas sim pelo contexto biopsicossocial⁷ em que o estudante está inserido.

Segundo Luckesi (1998), muitas redes de ensino fazem o uso do método avaliativo como o produto do ensino-aprendizagem do que foi explorado no decorrer de um período, importando, pois, a medição da competência por meio da aplicação de uma nota, sendo descartado a oportunidade do aluno de evoluir.

Com isso, questiona-se então qual é o papel do professor diante de alunos que não obtêm êxito em determinada disciplina e até que ponto não aprovar o aluno, pode ser benéfico ou não para sua jornada estudantil? Precisamos refletir, portanto, sobre as múltiplas aprendizagens e a afinidade que cada estudante tem com determinado campo de conhecimento, além de destacar que não há como exigir o máximo de saberes em todas as matérias, o que se pretende é que o estudante tenha um conhecimento básico sobre o currículo que lhe é ofertado, e que esse saber, possa ser evidenciado por meio dos vários modelos avaliativos que a escola dispõe, e que não se restrinjam apenas às avaliações escritas.

Neste contexto de avaliação, é importante considerar a interligação entre professor, escola e aluno. Esses elementos estão intrinsecamente ligados e exercem uma influência direta na aprendizagem do educando, o que por sua vez se reflete nos resultados das avaliações.

Ademais, a avaliação desempenha um papel fundamental na jornada educacional, pois não apenas evidencia os sucessos e conquistas dos estudantes para os professores, mas também sinaliza a necessidade de avaliar a eficácia de suas abordagens didáticas quando o desempenho dos alunos não corresponde ao esperado. Isso se torna particularmente relevante quando o fracasso acadêmico se torna mais proeminente do que os êxitos entre os alunos da turma.

Do ponto de vista estrutural, o presente trabalho é organizado da seguinte forma: a princípio, são delimitados os passos metodológicos que foram utilizados para o desenvolvimento da pesquisa. Na sequência, são apresentados pressupostos teóricos relacionados à avaliação, tendo em vista concepções que permeiam essa prática. Posteriormente, são discutidos os resultados da pesquisa de análise frente ao posicionamento do professor Ledo Vacaro sobre a avaliação por uma ótica humanizada. Por fim, são traçadas as considerações finais do desenvolvimento da pesquisa.

METODOLOGIA

⁷ O conceito biopsicossocial diz respeito à avaliação realizada de modo multidisciplinar, que leva em consideração para este fim, os fatores das dimensões biológica, psicológica e social do sujeito.

Adotou-se como percurso metodológico o modelo de análise qualitativa por meio do método Análise do Discurso (AD) uma vertente do campo da linguística que tem por objetivo investigar o discurso do sujeito e como este reverbera a tríade ideologia-discurso-língua.

Para isso, foi examinado as falas proferidas pelo Professor Ledo Vaccaro, através da plataforma de vídeos *YouTube*, no qual o professor em dado momento traz uma reflexão profunda acerca do futuro acadêmico de uma ex-aluna sua, destacando como o docente, por vezes, estará decidindo ou não a vida de seu aluno, através de um exame avaliativo.

Sobre o método da análise do discurso Barros (2015, p. 92) afirma que:

Enquanto metodologia de pesquisa, seu uso é diferente daquele de uma análise estatística ou de conteúdo, por exemplo, uma vez que rompe com o que tradicionalmente se chama de “procedimentos de pesquisa/metodológicos” e, como análise, acontece de maneira diferente. O ponto fundamental do discurso, enquanto objeto de pesquisa, é a busca pela (re)construção do efeito de sentido nos textos.

Assim, tanto nos textos escritos quanto na dialética o que se tem por intuito é evidenciar o poder da fala do locutor, e de que modo essa construção de sentidos que se dá por meio da palavra pode inferir diretamente na ação/reflexão do outro. Orlandi (2007, p. 66) afirma que “o discurso não é um objeto dado”. Assim, o trabalho de quem analisa o discurso é a busca para entender as motivações daquela produção de fala, que inicialmente subentende-se que seja analisada pelo campo da linguística, mas que, ao se tornar método para pesquisa em busca de respostas, passa integrar um espaço de relevância para o pesquisador que irá buscar forma de como transformá-la em material para estudos teóricos.

Além da investigação do discurso, foram exploradas outras perspectivas teóricas que esclarecem a natureza da avaliação educacional e seus propósitos. Além disso, examinamos os temores, expectativas e desapontamentos que as avaliações educacionais podem gerar nos alunos, independentemente da fase de ensino em que se encontram.

AVALIAR PARA RETER OU AVALIAR PARA COMPREENDER: ANALISANDO O DISCURSO DO PROFESSOR LEDO VACCARO.

Ao discutirmos sobre avaliar para reter⁸ versus avaliar para compreender, observamos os dilemas complexos no chão da escola. Quando se trata de avaliação educacional, a primeira ação destacada (reter) é muito questionada no fazer pedagógico, dada a sua ineficácia que, por vezes, provoca no aluno um sentimento de não pertencimento àquele lugar. Tal sentimento se dá devido sua evolução não ser tida alcançada, em certos casos a reprovação excessiva do aluno,

⁸ O termo **reter** neste escrito, diz respeito à prática comum nas escolas, que consiste em manter o aluno em determinada série quando este não é reprovado em alguma(s) matéria(s).

quando não observada as origens do insucesso por parte da escola, culmina com a conhecida evasão escolar.

A segunda forma de avaliar com base em compreender se torna plausível, humana e esperada para aqueles(as) que assim optam pela profissão docente. Através do discurso do professor Ledo Vaccaro extraído da plataforma *Youtube*⁹, percebe-se que o mesmo enfatiza a importância de compreensão humanística do aluno como sujeito que aprende em tempo distinto e traz consigo uma das grandes características que até hoje é difícil de ser compreendida pelos professores: a subjetividade¹⁰ que está presente no processo na vida de cada discente.

Enxergar o estudante como pessoa passível de falhas e acertos, posiciona o docente a refletir sobre o ato de avaliar, para além de transcrições de respostas em folhas de papel A4. É preciso considerar o aluno em sua totalidade, enquanto humano com seus medos, inquietações e evoluções, mas, também, retrocessos, ao invés de simplesmente reter o estudante em determinado ano, com base apenas nos resultados das provas.

Figura 1- Professor Ledo Vaccaro.



Fonte: Arquivo pessoal (Print da tela).

O discurso de Ledo Vaccaro elucidado

“E só falo uma coisa que eu falei para a diretora de uma escola, uma vez que “nego” começou a conversar porque eu nunca reprovei um aluno que ficasse exclusivamente matemática”. Eu dava um jeito de fazer outro teste, vamos fazer só em matemática, não vai ficar, diga-se, de passagem inclusive que uma vez aconteceu uma coisa na minha escola que eu achei na terceira série do Ensino Médio, uma aluna fez a prova comigo, ficou reprovada só em matemática, final, última prova a terceira série do Ensino Médio. Aí eu virei para o coordenador, vamos dar uma segunda chance, dar uma segunda chamada, facilitei a prova, apliquei e a guria ficou reprovada, aí eu virei pro coordenador, “olha não há cabimento, só tá em matemática”.

⁹ Toda transcrição das falas do professor Ledo Vaccaro, podem ser encontradas através do link: <https://www.youtube.com/watch?v=mCwb0rFtRjA>.

¹⁰ A subjetividade é uma característica psicológica inerente a cada indivíduo. Internamente, as pessoas são constituídas por emoções, sentimentos, pensamentos, e outros elementos. No âmbito educacional, a subjetividade também desempenha um papel importante. Ela pode revelar os limites e progressos de uma pessoa, assim como suas limitações em determinadas matérias. É preciso que os professores estejam atentos aos sinais, criando um ambiente propício para a comunicação, compreendendo as dificuldades dos alunos e desenvolvendo estratégias que promovam avanços.

Em sua propositura, o Professor Ledo demonstra preocupação diante do fato de sua ex-aluna ter sido reprovada apenas em matemática, vale ressaltar que a dificuldade nesta disciplina, não é um fato isolado. No Brasil, uma pesquisa apontou o medo que os estudantes têm diante deste componente e, conseqüentemente, diante das avaliações propostas. Um estudo publicado na revista *Psicologia da Educação*, em 2011, intitulado “Estudantes com grau extremo de ansiedade à matemática: identificação de casos e implicações educacionais”¹¹, apresenta a matemática como campo de estudo que causa crises extremas de ansiedade.

Por incontáveis vezes, a escola utilizou-se da avaliação como forma de “punir” indiretamente, essa ação se reverbera quando se concentra exclusivamente nos resultados das provas escritas, para medir a evolução ou não dos educandos. Neste sentido, as notas obtidas nas provas podem ser encaradas como “penalidades” por aqueles que por algum motivo não conseguem avançar no componente e, conseqüentemente, não obtêm o resultado desejado. Essas mesmas provas, podem ser encaradas como processo exitoso, quando o aluno atinge a nota elevada, porém é preciso destacar que aqueles que dispõem de melhores condições de alimentação, socioeconômicas, transporte, acesso à cultura e apoio familiar, tendem a ter um o avanço educacional elevado, o que resulta no bom desempenho nas provas.

Por conseguinte, no vídeo analisado, o Professor Ledo afirma:

*“Vou preparar uma prova **ridícula** e aplicar pra ela conseguir passar. Aí fiz uma prova fácil e entreguei, quando a prova chegou na minha mão, eu não abri! Eu virei pro coordenador e falei assim, escuta “a aluna vai ter acesso à prova?”. -Não! Não vai ter, essa prova fica arquivada. Ela não vai ver? Não! **Quanto ela precisa para passar? Sete! Dei o sete e entreguei. Essa aluna foi a primeira colocada na PUC e eu acompanhei durante 2 anos o curso dela, ela foi brilhante durante 2 anos que eu acompanhei. Eu teria reprovado a primeira colocada em Psicologia da PUC. O que tinha ali por trás? Tinha alguma coisa por trás daquela garota comigo, alguma coisa estava rolando que bloqueava ela fazer minhas provas. Certo, então! É isso, eu falei para a própria diretora dessa escola. Eu não vim ao mundo para brincar de Deus, não vou decidir sozinho o destino das pessoas e isso o Conselho de classe, para mim é fundamental, eu sempre quis fazer parte do Conselho de classe para verificar se eu estava sendo injusto em alguma decisão’. Eu estou decidindo a vida dos outros!”***

A ação do professor em atribuir o conceito sete (7.0) sem fazer a correção da prova, embora criticada por alguns, culminou num processo exitoso para a vida da estudante. O docente é a pessoa mais próxima do aluno na escola, conhecendo um pouco sua realidade a partir do convívio cotidiano. O comportamento realizado por Ledo em elaborar uma prova

¹¹MENDES, Alessandra Campanini; CARMO, João dos Santos. Estudantes com grau extremo de ansiedade à matemática: identificação de casos e implicações educacionais. *Psicol.educ.*, São Paulo, n. 33, p. 119-133, dez. 2011. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141469752011000200007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 13 ago. 2023.

“ridícula”¹², faz-nos compreender o olhar humano que ele teve num momento específico de tentativas frustradas da aluna em realizar uma avaliação de matemática que não estava obtendo êxito. A ação do professor, para aquele momento se tornaria um divisor de águas na vida da estudante, e pontuamos como nossa opinião construída neste trabalho, que tal atitude foi tomada por conhecer o percurso da discente e saber sobre seus limites e possibilidades, acreditamos que se ele não soubesse disso teria tomado outra atitude. Desse modo, a não averiguação das respostas contidas na prova, foi realizada de modo intencional, dado ao cenário de circunstâncias em que a aluna estava inserida, no momento em que Ledo, o professor, seria a figura central para solucionar o impasse.

Embora não seja a prática ensinada nos cursos de formação de professores, atribuir nota nas avaliações sem que antes seja feita uma minuciosa análise daquilo que foi respondido, a maneira como o professor agiu diante do conflito, provoca-nos enquanto pesquisadores a discussão sobre três reais necessidades da escola: i) como construir um ambiente rico em hipóteses de aprendizagens; ii) como agir diante de alunos que não avançam diante de determinados componentes; iii) como a educação brasileira dialoga com as dificuldades dos alunos diante de seus dois calcanhares de Aquiles: Língua Portuguesa e Matemática.

No livro “Na Vida dez, na Escola zero”¹³, a aprendizagem de matemática é discutida levando em consideração o contexto social do discente. O autor pontua na obra que o mesmo aluno que em sala de aula não obtém êxito nos exercícios cotidianos da disciplina de matemática, é o mesmo que consegue utilizar-se das situações-problemas em momentos reais em sua vida, fora dos muros da instituição de forma exitosa.

Nisso, reside parte da problemática, como estamos ensinando e o que consideramos como aprendizagem? as provas respondidas sob pressão do tempo que desconsidera as subjetividades e angústias dos discentes? qual importância damos a comprovação científica que atesta a disciplina de matemática como componente curricular complexa para muitos estudantes?; avaliamos a partir da junção dos saberes adquiridos ao longo do percurso estudantil, ou apenas pela prova impressa no papel A4, em um momento específico?

Essa compreensão de Ledo diante da dificuldade da discente, permitiu ao mesmo oferecer o suporte necessário para ajudá-la a avançar no contexto específico, que em seguida

¹² Acreditamos que o professor utilizou-se do termo **ridícula**, como figura de linguagem, para fazer referência a algo extremamente simples, sem dificuldades.

¹³ RAHER, David William; SCHLIEMANN, Analúcia Dias; CARRAHER, Terezinha Nunes. **Na Vida Dez na Escola Zero**. 3 ed. São Paulo: Cortez Editora, 1989.

foi atestado o elevado conhecimento em outras áreas, em especial, quando a referida alcança o primeiro lugar no vestibular de uma instituição muito concorrida. O olhar humano e empático do professor, foi na contramão daquilo que comumente poderia ter sido feito: reprová-la!

Não estamos discutindo aqui, se tal ação foi assertiva ou equivocada, pontuamos tão somente a necessidade do olhar humano para as dificuldades persistentes dos alunos que se apresentam no cotidiano escolar. Para isso, precisamos nos questionar enquanto profissionais da educação: Como iremos agir quando nosso alunado apresentar defasagem em determinada disciplina? De que forma iremos atuar para solucionar as lacunas de aprendizagem existentes? Continuaremos a nos abster dessas questões como se elas fossem alheias a nossa atuação?

Outro ponto essencial na discussão, remete a importância dos conselhos de classe, que segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) no 9394/96 dispõe no seu Art. 14, os princípios norteadores da gestão democrática nas instituições públicas:

“Os sistemas de ensino definirão as formas de gestão democrática do ensino público na educação básica, de acordo com as peculiaridades e conforme os seguintes princípios”:

I - participação dos profissionais da educação na elaboração do projeto pedagógico da escola;

II - “participação das comunidades escolar e local em conselhos escolares ou equivalentes”.

Dessa forma, cada escola deverá organizar um conselho de classe que possa organizar reuniões visando a participação coletiva e democrática, não para aprovar alunos, sem que tenham um preparo mínimo para série subsequente, mas, para buscar alternativas e estratégias didático-metodológicas, além do acompanhamento contínuo das ações que visam amenizar e/ou sanar as dificuldades de aprendizagem, que surgirem ao longo do percurso formativo do aluno.

A compreensão da aprendizagem como um processo multifacetado é essencial para entender o aluno como um ser humano complexo em suas singularidades, porém, a escola, por vezes, volta a reproduzir um ensino que não dialoga com a realidade de seus partícipes, desconsiderando os fatores externos (alimentação, cultura, sociedade) e internos (ansiedade, déficit cognitivo, desmotivação), que influenciam diretamente no rendimento acadêmico.

É importante lembrar que cada aluno carrega consigo uma bagagem única de experiências, contextos sociais e emocionais, que influenciam seu desenvolvimento no ambiente escolar, alguns deles são: **a) Dificuldades pessoais:** cada aluno enfrenta desafios que podem afetar sua disposição para aprender; **b) Inseguranças acadêmicas:** muitos alunos têm receio de não alcançar as expectativas impostas por pais, professores ou colegas; **c) Pressões externas:** expectativas sociais e culturais podem exercer pressões sobre o aluno, criando a necessidade de atender determinados padrões; **d) Desafios sociais:** questões como amizades,

bullying ou isolamento podem ter um impacto significativo no bem-estar emocional do aluno;

e) **Contexto socioeconômico:** o ambiente em que o aluno vive, com suas oportunidades e limitações, tem influência direta em sua experiência educacional e seus objetivos de vida.

Dessa forma, reconhecer a complexidade do aluno como um ser biopsicossocial possibilita que docente adote uma abordagem mais holística, atendendo às necessidades individuais dos alunos e propiciando um ambiente de aprendizado inclusivo e enriquecedor.

A AVALIAÇÃO COMO MECANISMO PARA MELHORIA DA APRENDIZAGEM.

Atualmente, com os avanços tecnológicos, científicos e a globalização, o ensino de aprendizagem aparece com muitas exigências de qualidade, o que faz da avaliação uma temática bastante importante. Segundo Libâneo (1994) “a avaliação é uma tarefa complexa que não se define à realização de provas e atribuição de notas”. O método de avaliar o aluno deve ser um recurso forte para identificar o desenvolvimento dos discentes, levando em consideração suas necessidades individuais. Dessa forma, é preciso que o papel desempenhado pela avaliação no processo educacional dos alunos, funcione como mecanismo para melhorar a aprendizagem.

Segundo Saviani (1994), “o professor nesta abordagem, se caracteriza pela garantia de que o conhecimento seja conseguido, independente do interesse e vontade do aluno” (p. 87). Assim, ao avaliar, o docente necessita observar várias técnicas e preparar materiais para possibilitar o reconhecimento de aprendizagem dos alunos em sala de aula, pois “avaliar significa identificar impasses e buscar soluções” (Luckesi, 1996, p. 165).

Uma temática que ainda precisa ser ampliada nas escolas atuais diz respeito a educação democrática e participativa, a qual auxilia na preparação dos alunos no que diz respeito à formação de cidadãos ativos, críticos e responsáveis em uma sociedade democrática. Na escuta democrática o aluno pode se posicionar, apontar suas dificuldades, e assim os professores e demais gestores e coordenação podem promover melhorias, de modo que o ensino seja assertivo, oferecendo subsídio didático para os que possuem déficits de aprendizagem.

Observa-se que na LDB na Lei 9394/96, quando se trata da avaliação na Educação Básica, no Art. 24, inciso V, afirma que:

a verificação do rendimento escolar observará os seguintes critérios: a) avaliação contínua e cumulativa do desempenho do aluno, com prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos e dos resultados ao longo do período sobre os de eventuais provas finais.

Portanto, a LDB mostra que a temática supracitada estabelece critérios específicos para a avaliação na Educação Básica, que vai além da mera atribuição de notas, buscando uma avaliação mais abrangente e significativa para os alunos. Segundo Fernandes e Freitas (2008),

esse método escolar precisa da autenticidade política e técnica atribuída a partir das decisões determinadas pelo Ministério da Educação (MEC) e pela Secretaria de Educação.

Assim, a questão de avaliar tem uma necessidade de estar presente no âmbito escolar, pois como Perrenoud (1993) conceitua, a avaliação é um processo que precisa ser correspondido pelo aluno e o professor, o qual este ensina e aquele aprende. Enquanto isso, a autora Hoffmann (2001), diz que a “relação professor e aluno, via avaliação, constitui um momento de comunicação para os dois sujeitos” (p. 78).

Dessa maneira, é apropriado refletir que a aprendizagem ocorre a partir do momento em que o docente produz situações que favoreçam o diálogo, como estímulos que consigam chamar atenção, a curiosidade e descobertas dos estudantes, para buscar aperfeiçoamentos e criações de respostas que aprimorem o seu avanço na aprendizagem. No entanto, é fundamental que a avaliação seja realizada de maneira justa, transparente e alinhada aos objetivos de aprendizagem. Além disso, é importante que os resultados das avaliações sejam usados para melhorar o ensino e a aprendizagem, no lugar de apenas classificar os alunos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após a análise do discurso do Professor sobre a avaliação por uma ótica humanizada, percebe-se a necessidade do trabalho docente refletir sobre as necessidades específicas de seu alunado, e quando este não estiver evoluindo em determinado componente, procurar alternativas para superar o impasse, pois como Luckesi (1995) afirma, a avaliação da aprendizagem precisa de um gesto de afeto, devendo-a ser acolhedora e inclusiva, para que os estudantes se sintam integrados dentro do processo de ensino-aprendizagem, assim, a discussão de Ledo coloca em evidência o ato humanizado na avaliação, sem tratá-la como autoridade.

Na investigação conduzida, a ex-estudante que apresentou um desempenho insatisfatório na disciplina ministrada pelo professor, enfrentando dificuldades em várias provas, surpreendentemente, foi aprovada pelo professor com uma nota específica, que lhe permitiu concluir o Ensino Médio. Posteriormente, ela alcançou o primeiro lugar no curso de Psicologia na PUC. O professor declara que “*teria reprovado a primeira colocada em Psicologia da PUC*”, percebemos a partir desse discurso a confirmação de que a decisão de aprová-la foi apropriada, visto que ele percebeu a existência de algo subjacente que a impedia de ter sucesso nas avaliações de matemática.

Ledo Vaccaro encerra seu discurso enfatizando que não reprova um aluno que tenha dificuldades exclusivamente em matemática, buscando sempre alternativas para que o aluno possa progredir, elenca, ainda, a importância do olhar cuidadoso para aqueles que apresentam

um desempenho fraco em determinada disciplina, mas obtém bom desempenho em outras, visto que é preciso verificar a origem do problema, seja ele interno ou externo.

O professor, ao questionar a reprovação de alunos unicamente por causa da matemática e ao considerar a avaliação como um instrumento de poder, reflete uma visão alinhada com o conceito de avaliação amorosa proposto por Luckesi (1995). Vaccaro mostra-se preocupado em compreender as possíveis causas do desempenho acadêmico do aluno, levando em conta fatores externos e internos que podem afetar seu aprendizado, enfatiza, portanto, que a avaliação deve ser conduzida de maneira amorosa e inclusiva, promovendo a integração dos alunos e oferecendo oportunidades para que eles possam se desenvolver plenamente.

Corroborando com essa afirmativa, Hoffmann (2001) destaca a complexidade do processo de aprendizagem dos alunos e ressalta a importância de não esperar que todos os estudantes dominem todas as matérias imediatamente ou em tempos equivalentes. A diversidade entre os alunos é inerente ao processo educacional, e cada um percorre um caminho singular e único em sua jornada de aprendizado. Hoffmann (2001) diz que “não há paradas ou retrocessos nos caminhos da aprendizagem” (p. 47), sabemos que o processo educativo é contínuo e dinâmico, os alunos estão sempre evoluindo, mas em diferentes ritmos.

Essa diversidade de ritmos de aprendizado, portanto, requer um olhar atento e abrangente por parte do professor, o qual deve estar preparado para compreender e acolher as diferentes trajetórias de seus alunos, estimulando-os a progredir em seus próprios ritmos. Isso significa que o professor precisa adotar uma abordagem mais flexível e personalizada, buscando identificar as necessidades individuais de cada aluno, oferecendo apoio e suporte adequado para o desenvolvimento de suas habilidades e conhecimentos.

Assim, a função da avaliação consiste em estabelecer as condições necessárias para alcançar os resultados desejados, que se traduzem na qualidade da aprendizagem do aluno. É essencial conceder oportunidades para que o educando possa demonstrar sua forma peculiar de aprender e integrar suas experiências fora da escola.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou a reflexão e explicitação da ideia relevante sobre a avaliação no contexto educacional, enfatizando sua importância na formação tanto do aluno quanto do professor. A abordagem humanizadora proposta pelo Professor Ledo Vaccaro representa uma contribuição de valor inestimável para a capacitação de educadores e para o aprimoramento da qualidade da educação, incentivando uma reflexão mais profunda sobre o significado do ato avaliativo no ambiente da sala de aula.

Em síntese, o artigo destacou a importância de adotar uma abordagem mais empática no processo de avaliação dentro da sala de aula, ressaltando que essa abordagem influencia diretamente o progresso dos alunos no processo de aprendizagem. Destacou-se também que a avaliação não deve ser meramente vista como um procedimento administrativo, mas sim como um componente fundamental para o desenvolvimento educacional e pessoal dos estudantes.

Concluiu-se ao término da investigação que o processo de avaliação em sala de aula precisa desse olhar humanizador, que afeta diretamente o resultado da aprendizagem do educando. O estudo em si não tem um tom conclusivo, ficando em aberto a provocativa para que novas discussões sejam construídas a partir do que foi apresentado.

REFERÊNCIAS

BARROS, Thiago Henrique Bragato. **Por uma metodologia do discurso: noções e métodos para uma análise discursiva**. In: Uma trajetória da Arquivística a partir da Análise do Discurso: inflexões histórico-conceituais. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015, pp. ISBN 978-85-7983-661-9. Disponível em: SciELO Books <http://books.scielo.org>. Acesso em: 27 jun. de 2023.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Ministério da Educação. Brasília: MEC, 1997.

DEL PRIORE, Maria (Org.). **História das crianças no Brasil**. 4.ed. São Paulo: Contexto, 2004.

FERNANDES, Cláudia de Oliveira; FREITAS, Luiz Carlos de. **Indagações sobre currículo: currículo e avaliação**. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2008.

HOFFMANN, Jussara Maria Lerch. **Avaliação, mito e desafio: uma perspectiva construtivista**. 31ed. Porto Alegre: Mediação, 2001.

LIBÂNEO, José Carlos. **A avaliação escolar**. In: Didática. São Paulo: Cortez, 1994. p. 195-220

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação educacional escolar: para além do autoritarismo**. São Paulo, 1996.

_____. **Avaliação da aprendizagem escolar**, São Paulo, Cortez Editora, 1998. p.180.

ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli. **Análise do Discurso em suas diferentes tradições intelectuais: o Brasil**. In: FERREIRA, M. C. L.; INDURSKY, F. (Orgs.). Michel Pêcheux e a Análise do Discurso: uma relação de nunca acabar. 2.ed. São Carlos: Claraluz, 2007.

PERRENOUD, Philippe. **Não mexa na minha avaliação! Para uma aprendizagem sistêmica da mudança pedagógica**. In: ESTRELA, A.; NÓVOA, A. Avaliações em educação: novas perspectivas. Porto: Porto Editora, 1993.

SAVIANI, Nereide. **Saber escolar, currículo e didática**. São Paulo: Cortez, 1994.